

# BELMONTE

## CAPÍTULO UM

Enquanto Pedrinho brincava com o seu cavalo, que se movimentava de um lado para o outro, o seu pai, José Belmonte, via a carta que tinha recebido. Era uma carta em papel espesso, com uma tecnologia que o tornava num *tablet* do século passado.

Em Lisboa, o tempo estava escuro e carregado de ódio. As nuvens arrastavam-se por culpa do vento, o azul do céu era baço e enfadonho. De há uns anos para cá, as árvores de Lisboa tinham-se despido de preconceitos. Nuas, as árvores começavam a jazer na Avenida da Liberdade. As suas folhas já tinham esvoaçado para longe das margens do estuário do Tejo. Era uma paisagem digna de um quadro rupestre com cores amorfas. Era uma paisagem como aquelas pintadas a óleo. Borrada em tristeza e solidão, com cores de grande penúria e pobreza de espírito, o temperamento gélido refletia todas as nossas conquistas.

A Avenida da Liberdade continuava movimentada, a pobreza de cor da capital tinha entrado na vida de todos os portugueses. Toda a essência de um povo de costas voltadas para a sua civilização e cultura.

A família Belmonte morava numa casa humilde. A fachada tinha sido modificada para o estilo barroco. Toda a degradação assentava-lhe bem, com a ajuda de tons maléficos em cinzento e castanho do pó.

Lisboa tem sido severa com as suas pobres casas, a população sempre deixou o tempo trabalhar sem sequer lhe fazer frente. A casa ficava perto da rua Doutor Almeida Amaral, junto ao antigo Hospital dos Capuchos que agora era um museu de túmulos. Assim como toda a cidade, o hospital também estava podre. O cheiro a cadáver vindo do museu nauseabundo espalhava-se num longo perímetro. A fragância típica, acabava por esfaquear o nariz mais requintado de quem se passeava pela rua Almeida Santo António dos Capuchos. Em dias de calor, os habitantes do perímetro tinham de fechar as janelas das casas. O odor tornava-se insuportável.

A família Belmonte também fechava as suas janelas. Eles moravam no quarto andar. Apesar de por fora o prédio parecer pequeno, lá dentro a riqueza era outra. Os sofás e os relógios, a louça e as tapeçarias realçavam os detalhes e os pormenores. Para não falar de toda a tecnologia que apesar de ser baseada no século passado, tinha por detrás uma arquitetura científica, para além dos limites do surrealismo que poucas famílias tinham acesso em Portugal naquela época.

Naquela tarde de sexta-feira, o dia estava escuro com o seu ar pesado e o seu cheiro a mofo. José Belmonte acendeu o fogo da lareira para poder aquecer toda a sala. O Outono, este ano, tinha chegado mais cedo. Com ele também chegou o frio apaziguador das manhãs de agosto. Ao mesmo tempo que trabalhava sobre o lume, José tinha deixado em cima da mesa a carta do seu amigo de luta que vivia em Aveiro.

Pedrinho, seu filho primogénito e único, tentava correr em redor do pai. Corria endiabrado para conseguir um abraço paterno. José abraçou o pequeno que fazia oito anos daqui a poucos meses. Depois deixou o selvagem para chamar a sua mulher, Beatriz.

O rapaz destemido acabou por correr em redor da

mesa, contente, com a sua felicidade nada portuguesa. Sentou-se logo depois sobre o soalho junto à lareira que ardia. Ao que o seu pai vendo aquilo disse-lhe para se afastar daquele lugar. Obediente, Pedro sentou-se junto do sofá. O soalho daquela casa era em madeira em tons escuros. Pedro começou a brincar com o cavalo de madeira que se mexia morbidamente como se tivesse acesso a magia negra. O animal fazia o som característico do seu galopar quando batia as patas, de forma seca, sobre os tacos do chão envernizado. Era um cavalo comum com uma tecnologia especial daquele tempo que no passado seria considerada como bruxaria.

– Beatriz!... – chamava José, novamente.

Chegou atarantada com o seu jeito de típica mulher portuguesa, de cabelos ondulados e negros, que lhe caíam sobre os ombros. Os seus olhos também eram negros, não traziam brilho. Tinha uma testa curta e um queixo bicudo igual ao de uma bruxa.

– Sim, meu amor – respondeu ao mesmo tempo que se encostava no braço do sofá, junto de Pedro que continuava a brincar com o seu cavalo. – Porque me chamou?

O tratamento entre o casal era igual ao de grande parte das famílias ricas Portuguesas. Com um português cuidado, tentavam ser educados, enquanto a população em geral cuspiam no chão e dizia asneiras. Eram raras as famílias ricas. Também eram escassas as pessoas que mantinham todos os maneirismos linguísticos antigos. Apesar de toda a dificuldade, essa era uma das tarefas mais complicadas. Ao mesmo tempo, era uma das maiores fontes de riqueza dessas famílias.

José olhou para Beatriz. Apontou-lhe para a carta. Ela agarrou no objeto e inspecionou-o. Estava receosa e ao mesmo tempo cansada de tantas limpezas. Desdobrou e esperou que lhe aparecesse a última informação. José aproximou-se. Debruçou-se sobre ela, era como se fosse ler a

carta. A respiração de José desconcentrava Beatriz. Ela não conseguia ler. Afastou-se um pouco. José percebeu e voltou para junto da lareira, para se aquecer. Beatriz leu:

*“Meu caro amigo José,*

*Como pode ver estou a escrever-lhe uma carta, pois o nosso país encontra-se numa situação de calamidade (pelo menos é o que eu acho, apesar de grande parte dos liberais não o achar). Vou direto ao assunto que quero tratar consigo: chegou-me a informação que os países que se dizem nossos aliados vão enviar todos os portugueses de volta para o país de origem.*

*A princípio isto não é mau, mas vejamos o caso da língua e cultura. Estive a estudar o caso e pude concluir que: França e Inglaterra querem despachar os criminosos para o nosso país. Como tal a melhor forma será torna-lo em novos portugueses que nem sequer sabem falar Português.*

*Tenho informações que o governo se aliou nesse projeto, pois está a receber muito dinheiro em troca. A minha questão neste momento é a seguinte: será que os valores liberais irão conseguir suportar a criminalidade em expoente máximo? Ou talvez com as políticas que são praticadas em Portugal, o liberalismo irá cair no esquecimento?*

*Meu caro, não vou divagar muito mais. Apenas gostava que todos os liberais deste país tentassem discutir a situação. Talvez com sorte alguns pensem como nós, de uma forma um pouco mais nacionalista.*

*Está a nascer uma filosofia em França e na Inglaterra que não me deixa descansado. Para além do mais, ainda irá espalhar-se por toda a Europa.*

*Despeço-me aguardando notícias suas. Com os meus melhores cumprimentos:  
António Dias”*

Olhou para José, ele estava impaciente por um comentário. Aproximou-se dela.

Pedrinho continuava a brincar no seu mundo. Cantarolava, bobo, músicas que aprendeu com a mãe. Beatriz pousou a carta sobre a mesa. José perguntou-lhe:

– O que acha?

Ela sabia pouco sobre política. Não conseguia argumentar o que acabou de ler. Beatriz somente conhecia as informações que o seu esposo lhe explicava, nas tardes de descanso que tinha entre o almoço e o lanche. Para além dessas explicações, Beatriz não sabia mais nada.

– Mas acha que é uma coisa má? – questionou na sua ingenuidade – Vamos ter mais pessoas neste país... talvez mais dinheiro...

José sorriu enquanto pensava: *de certa forma, ela tem razão. Até tem aprendido bem as minhas lições. Na verdade, Portugal poderá vir a ficar mais rico. Não só a nível monetário, mas também a nível cultural e intelectual. Tudo dependerá das pessoas retornadas.* José acabou por agarrar num copo cristalino que estava ao canto sobre uma bandeja em salva de prata. Encheu o copo com um pouco de *whisky*, e disse:

– Talvez até não seja mau de todo. O mercado quer-se livre, a língua e cultura devem ser decididas pelo mercado. O que me preocupa é a segurança, mas não se pode morrer por antecipação.

Pedrinho continuava a brincar com o cavalo que se mexia maleficamente de um lado para o outro.

Lá fora ouvia-se o som das buzinas dos carros. Os motores silenciosos funcionavam, enquanto as gritarias dadas pelos condutores ecoavam mais alto. Sentia-se pelas ruas um cheiro característico de plástico novo e peças metálicas recheadas de óleos. No Campo dos Mártires da Pátria, havia um engarrafamento infernal que causava todo o alarido na rua Alameda Santo António dos Capuchos. Uma mulher gritava com outra, após terem colidido frontalmente

num dos cruzamentos da travessa.

O céu estava cada vez mais escuro e parecia que ia começar a cuspir. O que fez com que Beatriz abrisse as persianas para entrar a pouca luz do dia, ao mesmo tempo que fechava a janela, para não entrar chuva que sujava todo o parapeito. A imagem do Tejo saltava-lhe logo depois da imagem do engarrafamento. O Tejo surgia em fantásticos verdes tropa e castanhos-claros. Ao centro do rio, via-se uma bela mancha negra que lhe dava um toque ainda mais sujo, que o castanho que se misturava na margem com o verde. O outro lado do Tejo viva-se num encoberto, como na altura de São Sebastião. As nuvens camuflavam toda a paisagem e no céu o panorama não era muito diferente que em terra.

– Eu não percebo muito de política, meu amado – reforçou Beatriz num tom pensativo – mas pelo que posso ver na sua expressão. Algo o assusta.

– Há que ter paciência...

– Talvez pelas palavras do seu amigo... eu acho que não devia importar-se assim tanto sobre esse assunto. – disse, aproximando-se do esposo que bebia mais um copo de *whisky* velho – Não devia beber muito, o jantar está quase pronto.

Durante toda a história desta pequena caixa de sapatos, Portugal tem vivido dias de grande estrangulamento. O povo tem sofrido dia após dia, no seu choro eterno e na angústia de não conseguir alcançar os seus sonhos. Se antes o povo sonhava em ter um trabalho ou ser dono de uma empresa, hoje o povo sonha apenas em deixar de viver neste país. A paciência do povo tem-se arrastado durante séculos, os seus erros continuam vivos no presente. O presente foi uma consequência do passado malgasto e mal investido. Credo sempre numa ideologia onde todos acreditavam ser o maior e o melhor projeto. Crise após crise, o povo viveu na crise e aprendeu a viver com ela

tornando-se nela. Desde o tempo em que as mamãs da união fecharam, a especulação feriu. A economia portuguesa mudou. Apesar dos governos não cortarem nas despesas, continuavam sempre com as mesmas regalias e com os mesmos gastos. Portugal sobrevivia com um governo luxuoso que continuava a viver de luxos e a comer à custa do povo. Por outro lado, o povo feliz deixava-se morrer à fome enquanto outros fugiam do país.

– O povo sempre fugiu e agora é obrigado a voltar...  
– disse num tom de gozo – Ainda há pessoas a emigrar... apesar de tudo e já que penso nisso, acho essa história muito estranha. Para além do mais, será que Portugal aguenta com tanta gente?

– Apertadinhos cabemos cá todos... – respondeu a esposa – Sempre vai escrever de volta ao seu amigo?

Consentiu.

– Podia contactá-lo... – sugeriu – talvez seja mais simples.

Beatriz preparava-se para ir à cozinha acabar de preparar o jantar. Passou pelo sofá onde olhou rapidamente para o Pedro. Sentiu-se presa por algo. Era Pedrinho que lhe segurava nas saias e puxava o avental encardido. O avental estava sujo. Por mais que Beatriz o lavasse, o tecido ficava sujo por natureza. Bastava pô-lo lá fora. Era um verdadeiro desperdício estender qualquer tipo de roupa no estendal. Lisboa era suja e sujava tudo. Pedrinho puxava o avental com tanta força que quase desfazia o laço feito à volta do pescoço da mãe, para além de levantar poeira pela sala.

– Diga meu precioso! Não faça isso, pois suja-me a casa!

– Mãe, tenho fome. – disse Pedrinho – Estou com muita fome...

A criança começou aos pinotes, doido num histerismo enfadonho. Tinha apenas sete anos e já tinha um temperamento forte como o temperamento do avô paterno. O

pequeno tinha os olhos da mãe, negros e o cabelo do pai castanho, cor de avelã. Os seus lábios retocados faziam-no parecer-se a uma boneca de porcelana. As maçãs do rosto eram arredondadas, para além de arrebitadas e cheias de carne rosada e hirta em todo o seu esplendor. Facilmente ficavam avermelhadas de constrangimento.

– Venha lá com a mãe, – pousou a mão sobre os cabelos secos e lisos do Pedrinho. – Deixemos o pai trabalhar livremente.

Agora sozinho, José estava na melhor altura para conversar com o seu amigo António Dias. José, aproximando-se da lareira, olhou para o fogo que ardia fazendo com que a madeira estalasse. Sentia o calor que aos poucos se ia espalhando por toda a sala, deixando-a um pouco mais agradável.

José trazia uma pulseira no pulso com um ecrã analógico. Aquele objeto também dava horas, ao mesmo tempo que era um instrumento bastante útil para a comunicação. José inseriu o código do António no ecrã. Esperou que a comunicação fosse feita. Aquela era mais uma das tecnologias da altura. José não precisava levar o relógio até à sua boca para que o recetor o ouvisse. O próprio relógio captava a voz do locutor pelas suas vibrações corporais internas.

– *Então meu caro amigo Belmonte.* – disse a voz vinda do comunicador. O sotaque era característico do norte litoral. Continuou: – *Chegou a receber a minha carta?*

– Cheguei! – respondeu – Assim recebi, como já a li, e tenho algumas dúvidas.

– *Então conte...*

– São mesmo portugueses que vão ser exportados?

– *Em princípio sim..., mas já ouvi dizer, pelo presidente de Aveiro, que existe um negócio duvidoso.*

– Você continua sempre o mesmo...

– *Não diga isso...* – interrompeu António, que já antevia onde a conversa caminhava – *Eu tenbo que perceber as jogadas*



*deles. Não tenho a culpa que grande parte dos liberais do Norte vejam isso como um atentado.*

– Mas António... de certa forma é um atentado! – reprimiu o amigo – Pois você está nos dois lados da informação. Você sabe muito bem o meu apreço por si. E gosto da nossa amizade, mas como líder do movimento liberal do Norte, eu acho que tem um estatuto e uma posição que deve manter.

– *Tem razão, meu caro,* – respondeu – *mas sabe bem estas informações antecipadas!*

– Pelo menos em Lisboa eu vou marcar uma reunião. – explicou José – Vou enviar cartas digitais para as famílias do centro, para si e para o Fábio do Alentejo. Depois vocês fazem o que acharem melhor...

– *Certíssimo!* – respondeu António – *Fico então a aguardar por essa carta. Agora vou ter de falar aqui com o meu amigo da Universidade de Aveiro.*

– Veja lá no que se mete... – alertou preocupado – Você sabe que o Vasco está de olho em si.

– *O que o Vasco quer é protagonismo,* – disse – *mas eu se puder, e quando puder, como-o vivo, nem que tenha que meter a república ao barulho.*

José começou a rir. De certa forma sabia que tudo aquilo era fogo-de-vista.

– *Não se ria!* – disse reprimido – *Vou ter de desligar.*

António desligou.

Quando José Belmonte se sentou na cadeira ainda estava só na sala. Conseguia-se ouvir a voz da Beatriz que falava com o Pedrinho, que lhe fazia um inquérito completo sobre temas relacionados com a história da família Belmonte.

De frente da mesa, o papel espesso estava voltado para José. Ele agora tinha que começar a escrever nele. A luz lá fora entrava pela janela. A luz era tosca e cada vez mais escassa. O dia era consumido pela escuridão que não tardava

na sua chegada. Beatriz aparecia na sala ao mesmo tempo que José se perdia ao olhar para a janela.

– Precisa de alguma coisa? – questionou Beatriz – Se precisar diga...

– O seu filho? – perguntou – Ele estava-lhe a fazer perguntas...

– Perguntas sobre o seu pai e a sua mãe, – interrompeu – aquelas histórias do costume, que lhe costumam contar vezes sem conta.

– Já falei com o António...

– E ele?

– Ele acha que o governo está metido ao barulho...

Beatriz respondeu: «*Pois...*», dirigindo-se para junto do armário da sala. Tirou uma tigela em forma de couve para poder pôr a sopa que estava a fazer na cozinha. José olhou para a mulher. Pela sua resposta sabia que ela não estava muito interessada no assunto, mesmo assim, tentou levar a conversa para outros temas:

– Vamos comer sopa?

– Sim... – respondeu Beatriz com um sorriso, ao mesmo tempo que se ouviu os gritos do pequeno Pedro «*Mãe, a água está a transbordar!*» – tenho que ir lá para dentro.

José sorriu voltando a ficar sozinho na sala. Tinha que se debruçar sobre a data da reunião no envio das cartas digitais. Voltou a olhar para a janela. O tempo não ajudava. O nevoeiro cada vez era mais cerrado e não tardava em chover. A sala começava a ficar escura. Lá fora o dia acabava. Levantou-se para acender a luz, voltando depois à posição anterior. O copo com o *whisky* descansava sobre a mesa. Enquanto não escrevia, José pensava: *tenho que ser simples e sem rodeios, não posso dizer aquilo que não sei, devo dizer que vêm novos portugueses para Portugal. Mas qual é o problema disso? Bem... como é que devo começar?* Desdobrou um novo papel digital e começou a escrever com a caneta de dígitos:

*“Caros senhores, amigos e companheiros,*

*Venho por este meio convocar uma reunião com todos os membros da Grande Lisboa. A reunião terá como debate a nova informação que António Dias nos enviou (encontra-se em anexo a cópia para todos vós). Sei que à partida poderão ser boas notícias, mas mesmo assim, é importante fazermos esta reunião.*

*Agradeço a comparência de todos, no início da próxima semana, no novo palácio de Sintra.*

*Com os meus melhores cumprimentos,  
José Belmonte”*

A mesa estava vestida em bordados e rendas de grande detalhe. Beatriz já tinha começado a trazer os pratos e as colheres. Ao mesmo tempo, o seu esposo estava sentado no sofá a ler as notícias. Pedrinho parecia querer ajudar a mãe, mas quando viu o pai concentrado decidiu empatá-lo. O pequeno aproximou-se de José que estava sentado, tentou ver o que o seu pai estava a ver. José olhando para o pequeno disse:

– Deixe o pai ler as notícias...

– Mas a mãe está a pôr a mesa.

– Então devia ir ajudá-la! – José tentava afugentar o Pedrinho. O pequeno debruçava-se sobre o pai – Vá ajudá-la... a sua mãe precisa de ajuda!

– Quem devia ajudar é quem está a mandar... – disse a Beatriz, que já trazia a tijela em forma de couve – Vá, eu não preciso de ajuda! Venham comer!

Sobre a mesa, o comer arrefecia. O vapor cheiroso espalhava-se na sala. Dava a agradabilidade habitual do comer feito por Beatriz. Com cuidado, Beatriz foi enchendo as tijelas com a sopa. Primeiro serviu o José, depois o Pedrinho e por fim a si.

José sentou-se na cadeira que fazia um barulho. Ran-

geu em sinal de protesto, queixando-se do peso que suportava. Pedrinho irrequieto, tentava produzir o mesmo barulho que o pai tinha feito com a cadeira. Beatriz farta daquele barulho agudo, olhou para o pequeno e disse:

– Sente-se direito! – Pedrinho obedeceu – Coma!

O estômago de José rugia como um leão. Ele tinha fome. Olhou para a família que estava sentada à mesa. Agarrou na colher e com a mesma delicadeza que os seus pais lhe ensinaram, começou a comer a sopa. Fazia barulhos característicos de sucussão, que Beatriz odiava.

Pedrinho estava de frente para o seu pai. Os dois homens estavam nos cantos e a Beatriz num dos lados. A certa altura começou a brincar com a comida, o molengão. A mãe olhava para o rapaz e parecia descontente. Reprimiu-o por ter comido a banana antes do jantar. Pedro olhava para a mãe sem saber o que lhe dizer. José ria-se dos dois. Comiam sopa de Santa Teresinha feita com muito amor e carinho. Pedrinho tentava fazer os jogos do costume com o pai, que naquele dia, estava como o tempo, sem paciência para brincadeiras. O pequeno insistiu e o pai reprimiu:

– Tem de comer! Se quer brincadeira terá quando acabar de comer!

– Não seja assim com o seu filho...

– Há que dar-lhe uma reprimenda de vez em quando!  
– disse José.

– Eu sei que está preocupado com aquela carta que recebeu, mas mesmo assim... José... – tentou chamá-lo à razão – Há que perceber que o menino não tem a culpa. – olhou para o Pedro que estava triste. Tentou reconfortá-lo:  
– Vá, não fique assim... coma!

Hoje o pequeno Pedro não conseguia fazer os seus jogos. José não parecia estar com disposição como noutras noites, onde ambos tentavam comer o mais rapidamente possível. Mesmo assim, perdido na sua imaginação, Pedrinho começou a comer rapidamente como se estivesse a fa-

zer o jogo com os seus pais. Pedro perdia-se nos seus pensamentos: *...quem acabar ganha a corrida... a Taça Troféu!... vou ganhar ao meu pai, vou ser o primeiro, depois ainda vou ganhar à minha mãe. Tenho que conseguir ser o mais rápido.*

– Cuidado, pois pode engasgar-se... – disse Beatriz, preocupada com o menino.

Lá fora, a luz do candeeiro público brilhava intermitentemente em tons de doença. Os seus amarelos espalhavam-se pela rua, apesar de não iluminarem os cantos recônditos daquela zona da cidade. As traças e melgas esvoaçavam em redor do foco de luz, batiam sobre os vidros para poder chegar ao foco. Algumas já mortas, caíam no chão. Outras preparavam-se para morrer. Ao mesmo tempo que caíam, iam deixando os seus óvulos para trás. Era o ciclo da vida. A noite continuava a fazer aquele zumbido animalesco. Era uma característica que Lisboa tinha mantido, uma das únicas que o povo e o governo não alteraram. No céu a escuridão consumia as estrelas. A lua brilhava em quarto minguante, meio desaparecida, por vezes escondia-se por detrás das nuvens densas que passavam à deriva pelo céu.

Beatriz foi até à janela para poder abri-la. A sala estava a ficar quente, apesar da lareira não ter lenha a arder. Ao aproximar-se da janela, via uma Lisboa arrepiante e escura. *Será que Lisboa sempre foi assim? Não acredito que alguma vez tenha sido doutra forma. É difícil acreditar, mesmo olhando para as imagens do tempo das vacas gordas, que já lá vai no início da União Europeia...*, pensou. Depois olhou para José e disse:

– Está escuro lá fora. Até é arrepiante...

– Lisboa é mesmo uma cidade muito sombria... – disse ele, que parecia preparar-se para voltar a ler as notícias – Se não quiser abrir a janela não abra!

Mesmo assim, Beatriz abriu. A janela rangeu um pouco, as dobradiças pareciam estar a precisar de óleo. O vento frio entrou na sala, numa rajada que fez com que a janela

se abrisse por completo. O frio percorria toda a cidade de Lisboa e o Tejo perdia-se na escuridão da noite. Em tempos, Lisboa teve mais luz. Apesar da sujidade, que cada vez era mais, sempre foi um ponto mantido durante os séculos. Com a crise a agravar-se e o término daquilo que chamam a ideologia socialista da europa, os países em geral ficaram empobrecidos.

Os sons que chegavam até à janela tosca, no quarto andar, eram surreais e arrepiantes. Faziam lembrar os filmes de terror. Tudo escuro e sombrio, cheio de sombras que fugiam e gritos de mulheres desesperadas. Vidros que se partiam na esquina e o vento que continuava a assobiar.

– Eu acho que me sentia melhor se vivesse noutra lugar... – disse Beatriz, que trazia na voz uma vibração amedrontada. – Será que está assim tanto calor nesta sala?

– Eu acho que está muito calor... – disse José, que logo depois olhou para o pequeno Pedro. – Pedrinho, vá lavar os dentes. Fazer o seu chichi e depois vá para a cama.

– Mas pai...

– Não é pai, nem mãe! – reprimiu o rapaz – Dê-me um beijo e dê também outro à sua mãe... Amanhã é dia de escola.

Pedrinho cumpriu as ordens do pai. Deu um beijo à mãe, que continuava junto da janela e logo depois cumprimentou o seu pai. Saiu da sala para ir lavar os dentes.

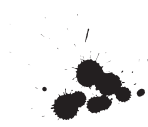
Eram onze da noite. José ainda não se sentia cansado. Beatriz já bocejava, tinha estado o dia todo a trabalhar em casa, enquanto o seu esposo continuava preocupado com a informação que tinha recebido do amigo António.

– Eu acho que vou fechar a janela. – disse Beatriz – Não me sinto bem com esta janela aberta. Não gosto de ouvir os gritos pavorosos que vêm lá de fora.

– Sim... na realidade são medonhos.

Beatriz fechou a janela. Voltou para a mesa que continha os pratos vazios do jantar comido. Ela ainda tinha

muito que fazer. Pelo menos arrumar a cozinha era uma das suas tarefas para o serão da noite. José continuava debruçado de frente para o jornal, enquanto a sua esposa levantava os pratos.



O dia nascia fresco e sem luz. No quarto do pequeno Pedro, o despertador cantarolava numa chinfrineira que assustou o pequenote. Pedro desligou-o. Sentia-se sonolento e sem vontade de se levantar. A porta do quarto abriu. Beatriz, já acordada, entrou no quarto do pequeno para o forçar a despertar. Todas as manhãs era sempre a mesma história. Enquanto José ficava a dormir até às dez, Beatriz acordava às sete e meia para preparar o pequeno-almoço. Depois a preparação da primeira refeição do dia. Era a altura de ir despertar o Pedrinho que só acordava por volta das oito. O Pedrinho só entraria na escola às nove e um quarto. Apesar de molengão, era obrigado a despachar-se. A sua mãe não o largava nem um segundo. O menino despachava-se até o relógio da sala badalar às oito e meia. Nessa altura, quando o relógio da sala emitia um som, tanto o menino como a mãe sabiam que era a hora dos dois saírem.

– Mãe ande mais devagar porque tenho sono... – pedia Pedro que caminhava pela rua com Beatriz. Apressada olhava constantemente para o relógio – Oh mãe... tenho

sono...

– Pedrinho não me chateie. Vai chegar tarde ao colégio!

Rapidamente, os dois caminharam até ao colégio particular: “*Casa dos Gaiatos*”, onde andava o Pedrinho. Tanto Beatriz como José, não confiavam em escolas estatais. Queriam poder dar uma boa educação, sem pausas para férias. Acreditavam que o ensino estatal era débil e de fraca qualidade. No privado eles podiam descansar, pois o menino iria ser corrigido e iria falar português corretamente.

A porta principal do colégio era fabricada em madeira maciça. Trabalhada e com bastante relevo, sobre um padrão linear em formas geométricas que se interligavam entre si. Na tijoleira, por cima da porta, havia um arco espelhado como o das capelas góticas. Logo depois do arco, surgia o nome da escola: “*Casa dos Gaiatos*”, em letras que faziam lembrar as cartas da idade média. Beatriz tocou no interruptor em forma de pedra. O detalhe era igual ao das letras com o nome da instituição. O som era uma sinfonia que causava dor de cabeça. Todos os cães começaram a ladrar. Em coro faziam uma chinfrineira pegada que irritava qualquer pessoa. Pedrinho ainda pôs as mãos nos ouvidos. A porta da instituição abriu. Surgiu a porteira, carrancuda e muito feia. Trazia os cabelos em canudos que lhe caíam para além dos ombros. Nas mãos, parecia trazer algo idêntico a um chicote. Estava constantemente a bater na palma da mão com ele.

– Estes cães fazem muito barulho... – disse Beatriz tentando ser amigável.

– Sim, eu sei... – disse a porteira – É para entregar o menino, certo?

– Sim. – disse, largando o ombro de Pedrinho – Pedro... – alertou fazendo com que o rapaz olhasse para trás – ... não se esqueça de comer tudo!

– Sim, mãe... – respondeu.



– E não se esqueça de se portar bem...

– Sim, mãe...

– Isso, ele porta-se! – disse a porteira, que logo agarrou na criança e disse-lhe: – Vá para a sala! Já está atrasado!

– Peço desculpa por me ter atrasado – disse Beatriz.

– Não faz mal.

Os cães continuavam a latir num som sinfónico, como uma cantoria. Beatriz afastou-se da porta que se fechou atrás de si. Bastou Beatriz sair daquele perímetro, para que os animais se silenciassem. A escola de Pedrinho era localizada perto do Marquês de Pombal, na Avenida Duque de Loulé. Ao fundo da avenida, na praça José Fontana, ainda existe a Escola Secundaria de Camões, ou Liceu Camões. Agora, o liceu era um ensino especializado e privado.

Depois de Beatriz levar o filho à “*Casa dos Gaiatos*” passava pela praça José Fontana para poder beber um café, era um ritual. Escolhia um dos cafés mais pertos do liceu. Assim, de frente para a escola secundária, olhava para a fachada antiga recuperada, pensava: *que linda escola temos aqui. Espero conseguir pôr aqui o meu Pedrinho. Pelo menos sei que lá, ele estará bem... os miúdos ficam tão lindos a entrar na escola com aquela farda.* Beatriz contemplava aquela escola todos os dias da semana.

Sentou-se numa das cadeiras da esplanada do café. Pediu uma bica escaldada. Ficou a contemplar o liceu, voltando ao quotidiano quando o seu comunicador começou a tocar. Era José que lhe estava a telefonar. Ele queria saber onde é que ela estava. Beatriz atendeu e esperou que ele fosse o primeiro a falar:

– *Onde está?*

– No café... – respondeu – acabei de levar o meu filho à escola... e vim beber um café.

– *Como não a vi em casa fiquei preocupado...*

– Oh José..., mas você é assim tão distraído? – perguntou – Eu todos os dias faço o mesmo percurso e mes-

mo assim, você parece que não sabe que o seu filho precisa que alguém o leve à escola.

– *Sim... tem razão. Tenho andado muito pensativo com aquilo que recebi.*

– Devia descansar mais a cabeça. Eu, não tarda, estou em casa. É só beber a bica e já vou. – naquela altura o empregado chegou com o café. Beatriz agradeceu-lhe e disse para José: – Não demoro muito.

– *Está bem...* – respondeu – *Então espero-a em casa, mas não demore... mesmo porque tenho alguma fome.*

– Está certo, eu já lhe levo o pão.

Beatriz acabou de beber o café ao mesmo tempo que via a entrar na esplanada uma amiga de longa data, Joana Faria. Joana era uma mulher de cabelo preto com um olhar profundo e um rosto redondo como o de uma bola. Beatriz, quando a viu, entrou em histeria. As duas foram colegas de escola durante anos. Contudo, Beatriz não teve a mesma sorte que o seu esposo José. Ela não andou num colégio particular, como ele. Beatriz estudou numa escola pública e sempre passou sem grande esforço. Tudo graças aos relatórios que os professores tinham de mostrar no final do ano. Na primária todos os alunos passavam sem sequer saberem ler ou escrever, isso foi o que aconteceu a Beatriz.

– Por aqui?... – disse Joana, num sorriso saudosista – Há tanto tempo que não te via!

– E eu a ti. – disse Beatriz, que tentava falar de forma mais corriqueira – É bom ver-te nestas bandas.

– O mesmo digo eu... não mudastes nada. Então e chegastes a casar com... como é o nome dele?

– O José?

– José, não era Rafael? – perguntou Joana confusa.

– Ficaste no Rafael?

Beatriz começou a rir. Joana conhecia Beatriz como uma das mais namoradeiras da escola. Tudo o que era ra-

paz marchava.

– O Rafael é do passado ... – explicou – Eu casei-me com o José há coisa de dez anos. Agora tenho andado mais calma.

– Pois, lembro-me na altura em que namoravas o Rafael. Não te contentastes só com um... – criticou a amiga como sempre fazia – e filhos, tens?

– Tenho um menino, olha. – Beatriz tirou da carteira o cartão, para mostrar um leque de fotografias que tinha na sua aplicação – Ele sai ao pai...

– Olha que eu acho que também tem muita coisa tua. – disse Joana que também tirou da sua carteira o cartão – Olha aqui as fotos da minha filha e do meu filho.

– Tens dois?

– Sim, são do André... – disse Joana, que ainda continuava com a mesma pessoa – Já estamos juntos há dezasseis anos.

– Como o tempo passa...

– Vê, ela tem oito anos, é esperta como tudo... ele tem cinco e não se deixa ficar atrás!

– Muito bonitos.

– Tu não tens noção... eles são tão inteligentes.

– Pois, também o meu.

– Não é isso... – disse Joana – Eu e o André levámo-los a uma clínica para passar a certificação de inteligência. Acho que o teu não deve ter...

– Não... – sentiu-se um pouco envergonhada – Não sabia que isso existia.

– É normal... nem toda a gente consegue ter acesso a todas as informações nos dias que correm.

Beatriz já não estava a gostar do rumo da conversa.

– Sabes que o André trabalha como diretor de um centro hospitalar particular. – sorriu gabando-se – Já agora, e o teu? O que faz?

– Estuda política...

– Isso não dá nada. – disse Joana sorrindo, ao mesmo tempo que criticava a amiga – Até fico com pena de ti.

– Gostei muito de te ter encontrado por aqui. – disse Beatriz, olhando para o relógio. Ao mesmo tempo pensava: *porra de merda, só te sabes gabar... até metes nojo*. Sorriu – Tenho que ir andando, devíamos combinar um café ou algo do género.

– Combinadíssimo. – disse Joana – Dá-me o teu número!

Apesar de contrariada, Beatriz deu o seu número à colega de longa data. Deram beijos e cada uma seguiu o seu caminho.

José já tinha recebido muitas confirmações de leitura, da carta que tinha enviado. Ainda havia alguns membros que não tinham lido. Beatriz chegou a casa. Entrou na sala e olhou para o seu esposo. José questionou-a:

– Que se passa?

– Não se passa nada! – respondeu chateada – Vou deixar o pão na cozinha...

– Podia fazer-me uma sandes!... – gritou José enquanto a mulher ia para a cozinha.

Beatriz saiu da sala. Lá fora, as nuvens viajavam rapidamente pelo céu. José estava com fome. A sua barriga roncava. Levantou-se do sofá e foi até à janela. Abriu-a para que o ar pudesse entrar na sala. Ouvia-se os carros que apitavam. Ao fundo, para lá do Tejo, a outra margem surgia e desaparecia conforme o nevoeiro passageiro. O sol brilhava em amarelos ofuscados. Estava calor naquele final de manhã. «*Tens aqui em cima da mesa a sandes e o café com leite!*», gritou Beatriz da cozinha.

Na cozinha, sobre a mesa, adormecia o prato com o pão e a caneca com o café com leite. Beatriz andava de um lado para o outro. José sentou-se à mesa. Olhou para ela e disse:

– O que se passa consigo?

Ela continuou a andar de um lado para o outro. Não ligou ao que José lhe dizia. Estava pensativa. José começou a comer ao mesmo tempo que esperava por uma resposta.

O pão era de hoje. Crocante. Conforme trincava o pão, saltavam migalhas do canto da boca que iam caindo no café com leite. Beatriz, ao ver que algumas das migalhas caíam no chão, disse:

– Está a sujar o chão.

– Agora já responde...

Voltou a estar em silêncio. José olhava para a esposa. *O que se passa com ela. Não fala comigo. Está com aquela cara de maldisposta como se toda a gente lhe devesse alguma coisa. Será que lhe fiz algum mal? Não percebo! Eu dou-lhe tudo o que ela precisa*, pensou José, que continuou a comer. Agora comia com mais cuidado, por causa da reprimenda de Beatriz. Continuava a fazer aqueles barulhos característicos quando levava a bebida à boca e mastigava o pão.

– Encontrei uma amiga minha. – disse por fim – E ela disse-me que agora há uma certificação qualquer relativamente à esperteza dos filhos.

– Sei...

– Então e nunca me tinha contado?

José já estava a começar a perceber.

– Não me responde?

– Sim Beatriz. – respirou para poder engolir – Eu já sabia dessa informação. Isso é mais uma artimanha do governo. O que importa ter um diploma que diz que o seu filho é esperto ou burro, quando neste país até conseguimos comprar a nacionalidade.

Beatriz ficou irritada.

– Não fique assim... – disse José.

– Eu acho descabido a outra ter aquilo e eu não... – sentia-se uma miúda mimada – Esqueça.

José soltou um risinho que deixou Beatriz ainda mais irritada.

– Diga!

– Não é nada! – disse José – Apenas estou a ver que em si existe um certo ciúme. Devemos gostar do Pedrinho tal e qual como ele é! Com ou sem certificado. Ele é uma pessoa, não precisa de certificados como as máquinas.

Beatriz não se pronunciou. Apesar de toda a conversa com o seu esposo, ela continuava a pensar: *eu também devia de ter! Mas não!... Só porque o meu marido não é diretor de um cargo importante não valida a questão de eu não poder dar um certificado ao meu filho!* Este pensamento perdurou ao longo da manhã.